

Moisés e o monoteísmo e a noção de “povo eleito”

Moses and monotheism and the notion of “chosen people”

Tova Sender*

Resumo: Um recorte em *Moisés e o monoteísmo* para refletir uma das razões citadas por Freud como origem do ódio aos judeus: a noção de “povo eleito”. A origem judaica de Freud e o contexto histórico no período da escrita do livro dão margem a perceber no texto sinais de um autor presente com as suas próprias questões pessoais. Com a ameaça do nazismo, Freud busca, em interpretações posteriores do texto bíblico, construir uma teoria psicanalítica para o antissemitismo.

Palavras-chave: religião, verdade material, verdade histórica.

Abstract: *A piece of Moses and Monotheism to reflect one of the reasons quoted by Freud as the source of hate to Jews: the notion of “chosen people”. Freud’s jewish roots and the historical context by the time the book was written let us see in the text signs of an author with his own personal matters. With nazi threat, Freud seeks to build a Psychoanalytic theory to anti-Semitism.*

Keywords: *religion, material truth, historical truth.*

* Psicóloga, Mestre e Doutora em Letras pela UERJ, com Especialização em Teoria Psicanalítica pelo IBMR.

Moisés e o monoteísmo (1939) é um texto que pode suscitar controvérsias quanto ao conteúdo referente à formação do povo judeu, seu caráter coletivo e sua desconfortável história de perseguição através dos séculos. No que tange ao conteúdo de abordagem psicanalítica, o objetivo do texto é bastante claro, enfocando a passagem do estágio sensorial ao estágio intelectual da humanidade, um processo previsível na instituição da civilização e da cultura. Indicar tal processo já se insinua como objetivo em *Totem e tabu* (1913) com a afirmação:

Ele expressa a satisfação pelo primitivo representante paterno ter sido abandonado em favor do conceito superior de Deus. Neste ponto, a interpretação psicanalítica da cena coincide aproximadamente com a tradução alegórica e superficial dela, que representa o deus a vencer o lado animal de sua própria natureza. (FREUD, 1913, vol. XIII, p: 153)

Por si só, essa afirmação não se refere explicitamente a uma mudança evolutiva de estágio, o que só se esclarece na nota de rodapé que lhe é acrescentada, conforme a seguir:

Concorda-se geralmente em que, nas mitologias, quando uma certa geração de deuses é vencida por outra, o que se denota é a substituição histórica de um determinado sistema religioso por outro novo, seja como consequência de conquista estrangeira, seja de evolução psicológica. (*loc. cit.*)

Certamente *Moisés e o monoteísmo* conclui a ideia iniciada em *Totem e tabu*: Freud faz a analogia entre a psicologia individual e a de grupo, aplicando-as à história de um povo. Esse exemplo corrobora a sua teoria da neurose e da religião na medida em que, no texto, são apontados os fenômenos que se manifestam no indivíduo e na civilização em um grupo mais restrito, no caso, o povo judeu. No entanto, se o texto for analisado com os recursos da interpretação dos sonhos, o conteúdo manifesto perde o valor como finalidade, e o conteúdo latente se insinua em direção à superfície. Significa que atrás da formulação de uma teoria psicanalítica oculta-se outro significado. Fuks afirma ser este “um hipertexto, cuja escrita não se presta à captura: múltiplos sentidos — mas não arbitrários — borbulham em suas páginas”. (FUKS, 2000, p: 87) O texto vai evoluindo no sentido “do particular para o geral”, quando se observa

seu início centrado na pessoa única do líder Moisés, passando pela formação do povo judeu, o surgimento do cristianismo e, por fim, pela análise do relato bíblico como “o retorno do reprimido” em termos gerais. É possível supor que o texto tenha mais de um objetivo, uma vez que aponta em várias direções, levanta questionamentos e tece considerações que não se limitam a ilustrar a teoria de *Totem e tabu* aplicada à história de um povo, a indicar o monoteísmo como o retorno do reprimido ou a primazia do intelectual sobre o sensorial. Se fosse só por essas razões, o texto já se justificaria; no entanto, *Moisés e o monoteísmo* vai além.

Bernstein (2000, pp: 16 e 103) e Yerushalmi (1992, p: 38) citam o prefácio de Freud para a edição de *Totem e tabu* em hebraico como a possível fonte oculta que responde à questão: afinal, por que Freud escreveu *Moisés e o monoteísmo*? No referido prefácio, Freud afirma sua identidade judaica referindo-se à “própria essência” do judaísmo, embora não possa “expressar essa essência em palavras” (FREUD, 1913, vol. XIII, p: 19). Quanto a isso, lê-se em Yerushalmi:

Assim a questão poderia ter permanecido, se não tivesse havido o advento de Hitler e o nazismo. Para Freud, assim como para muitos outros, o choque da barbárie antijudaica trouxe a questão de o que significa ser judeu para um novo nível de exigência existencial, e não pode haver dúvida de que foi isto que forneceu o impulso imediato para a efetiva redação de *Moisés e o monoteísmo*.” (YERUSHALMI, 1992, p: 39.)

Fuks reconhece como um dos motivos para a escrita de *Moisés e o monoteísmo* a necessidade de compreender o ódio ao outro no paradigma do judeu, a quem chamou de “o ancestral *unheimlich* das massas” (FUKS, 2000, p: 91). Embora os autores citados desenvolvam diferentes interpretações para *Moisés e o monoteísmo*, os três concordam em indicar o fator que se refere à condição judaica de Freud e às suas questões com a identidade judaica. Yerushalmi cita a Bíblia que Freud ganhou de seu pai ao completar 35 anos, contendo uma dedicatória em hebraico, na qual Jacob Freud convoca o filho a retornar aos ensinamentos bíblicos e aos valores compartilhados com o pai (YERUSHALMI, 1992, p: 115). A mensagem vem em forma cifrada numa elaborada dedicatória em estilo *Melitzá*, que consiste numa reunião de versículos e fragmentos esparsos do texto bíblico no original, em hebraico, formando uma nova construção literária. Esse estilo foi amplamente utilizado na poesia e na prosa medievais, e estava em voga na literatura do Iluminismo judaico, estendendo-se

até o século XIX (*ibid.*, p: 111). Segundo Yerushalmi, com a ameaça do nazismo Freud cumpre a ordem que seu pai lhe dera na dedicatória, quarenta e três anos antes, e retorna ao estudo da Bíblia. No *Monólogo com Freud* Yerushalmi afirma que tentou “compreender *Moisés* em sua declarada estrutura de história da religião, do judaísmo e da identidade judaica, sem lê-lo como uma alegoria da psicanálise” (*ibid.*, p: 155). Fuks, no entanto, refere-se a *Moisés e o monoteísmo* como um “grande texto de psicanálise” que se vale da metáfora bíblica para suscitar uma reflexão sobre a transmissão e o destino da psicanálise (FUKS, 2000, p: 87). Yerushalmi inverte os fatos, dizendo: “Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud observou que tratara os sonhos ‘como um texto sagrado’. O que seria mais natural para ele do que tratar o texto sagrado como um sonho?” (YERUSHALMI, 1992, p: 50). Yerushalmi não estaria dizendo que *Moisés e o monoteísmo* é um texto em busca de uma identidade essencial judaica, revestido de uma metáfora sob o formato de uma teoria psicanalítica? Bernstein afirma que *Moisés e o monoteísmo* responde à questão crucial de Freud quanto à sua própria identidade — sua natureza essencial como judeu —, resposta que só veio a obter “às vésperas da ‘solução final’, alguns meses antes de sua morte”. (BERNSTEIN, 2000, p: 106.)

Há dois fatores circunstanciais que não podem ser desprezados quando se trata de *Moisés e o monoteísmo*. O primeiro é o fato de o livro ter surgido em um tempo de acirradas perseguições aos judeus — o que era o prenúncio do que veio a se constituir numa das maiores tragédias históricas dos últimos séculos —, perseguições estas que atingiram o próprio Freud. O segundo, é ter sido esse um dos últimos (se não o último) escritos de Freud, criado na sua mais elevada maturidade intelectual, tendo recebido, certamente, pinceladas de influências de suas questões pessoais. Tendo em vista essas duas considerações, é possível propor que *Moisés e o monoteísmo* consiste em um texto que deve ser analisado em estreita relação com a história e o momento de Freud ao escrevê-lo e publicá-lo, isto é, a sua condição judaica e o período de sua transferência para Londres em consequência do ódio que se abatera, mais uma vez, contra os judeus.

Em última instância, nos termos psicanalíticos, *Moisés e o monoteísmo* faz a ponte entre a constituição do psiquismo individual e o da espécie, adequando essa analogia à história de um povo. Há ainda um objetivo maior, atribuir ao monoteísmo a função antropológica de substituir o matriarcado pelo patriarcado, com a supremacia do intelecto sobre o instinto. O retorno do patriarcado, que não é outra coisa senão o estabelecimento da superioridade absoluta de um Deus único e poderoso, ou, em outras palavras, o retorno do pai, resgata a cul-

pabilidade para com o pai da horda primeva. O intelecto é aqui representado pela Lei (no caso, a de Moisés), o que implica um compromisso de renúncia ao instinto. “O avanço em intelectualidade” (FREUD, 1939, vol. XXIII, p: 126) é, então, uma etapa previsível no processo civilizatório. Isso porque, uma vez que o reprimido tende a retornar, o recalque do assassinato do pai da horda retorna com o assassinato de Moisés, que por sua vez também é recalcado, e após o período de latência, retorna, mas duplamente: uma vez com o estabelecimento do monoteísmo judaico — o que é do povo judeu —, e a outra vez com a instauração da intelectualidade — o que é de toda a humanidade.

Esse é o conteúdo manifesto do texto; claro, visível, transparente, revelado. No entanto, uma pergunta se apresenta, insistentemente: por que teria Freud se dedicado à escrita desse extenso livro à época de sua velhice e agravamento de sua doença, e quase que imediatamente em um período anterior ao seu exílio, quando já se sentia a bota nazista sobre a Europa? Para responder a esta questão é preciso atentar para alguns pontos, como a seguir. Na “Nota preambular I” (*ibid.*, p: 67) Freud se refere aos seus obstáculos internos e também às ameaças externas:

Terminei o último ensaio com a asserção de que sabia que minhas forças não seriam suficientes para isso. Quis significar, naturalmente, o debilitamento dos poderes criativos que acompanham a velhice, mas pensava também em outro obstáculo. Estamos vivendo num período especialmente marcante. Descobrimos, para nosso espanto, que o progresso aliou-se à barbárie. (*loc. cit.*)

Somam-se a isso dois outros fatores que podem ser destacados por meio do método clínico psicanalítico: aquilo que aparentemente é dito de passagem, como que sem importância, é o que mais deve ser valorizado, o que mais deve receber atenção e foco. Percebe-se, então, na abertura da mesma “Nota preambular I”, o comentário em tom quase dramático e resignado de Freud ao escrever: “Com a audácia daquele que tem pouco ou nada a perder (...)”. Este é o primeiro fator. O segundo consta entre parênteses: trata-se da diferença sutil e significativa entre a “Nota preambular I” e a “Nota preambular II” (*ibid.*, p: 71), quatro páginas após, e escrita quatro meses depois. A primeira nota vem datada de antes de março de 1938, em Viena. A segunda data de junho de 1938, em Londres. Aqui, a pergunta se repete: que motivação teria Freud para empreender a feitura de *Moisés e o monoteísmo*, e principalmente o terceiro Ensaio — de criação mais tardia que os

anteriores —, em condições limitadoras de velhice e enfermidade, e em meio ao crescente antisemitismo que, com a ascensão do nazismo na Alemanha em 1933, se tornou uma ameaça ainda maior à vida dos judeus?

Quando Freud se refere a si próprio como “aquele tem pouco ou nada a perder”, certamente não está se referindo apenas à sua psicanálise, mas também à sua condição judaica. Observe-se a data em que escreveu esta nota: imediatamente antes do seu exílio. O que acima foi designado como o segundo fator e faz referência às localidades mencionadas nas notas preambulares I e II, sendo uma em Viena e a outra em Londres, indica a diáspora judaica, o nomadismo forçado, a milenar intolerância que agora atinge Freud pessoalmente. “Num primeiro recorte, pode-se dizer que a errância no deserto, o nomadismo, o Livro e a Lei tomaram de assalto a pena de Freud durante seu êxodo de Viena a Londres” (FUKS, 2000, p: 87). Tudo isso leva à possibilidade de um entendimento adicional em *Moisés e o monoteísmo*. Talvez Freud esteja dizendo algo além das palavras, além da proposta aparente; não importa se de forma consciente ou não, mas, como ele próprio afirma em um enigmático comentário: “Infelizmente, o poder criativo de um autor nem sempre obedece à sua vontade: o trabalho avança como pode e com frequência se apresenta a ele como algo independente ou até mesmo estranho.” (*ibid.*, p: 118.)

Neste ponto, retoma-se a proposta inicial deste trabalho, a possibilidade de perceber, em *Moisés e o monoteísmo*, mais de uma finalidade ou interpretação, para além da teoria psicanalítica. Se é assim, que outras funções teria o livro — para Freud e para o leitor? Em primeiro lugar, nesse longo e abrangente texto Freud aborda questões de interesse histórico, religioso, antropológico e, pode-se dizer, literário, além do explícito interesse psicanalítico, o que já dá margem a diferentes enfoques. Além disso, há também um aspecto político. Yerushalmi afirma que *Moisés e o monoteísmo* poderia nunca ter sido escrito se não fossem os acontecimentos do período hitlerista. (Yerushalmi, 1992, p: 47.) Em segundo lugar, percebe-se um Freud cansado e desiludido, vivenciando, ele próprio, como judeu, a amarga experiência do preconceito. A perplexidade com que ele se expressa na “Nota preambular II” revela o seu estado de espírito àquela época, que talvez não tenha começado ali, repentinamente, em decorrência da sua fuga ao nazismo, mas ali apenas se manifesta, porque não faltavam motivos para que o mesmo sentimento o tivesse acometido nos últimos anos. Na referida passagem se lê:

Na certeza de que seria agora perseguido não apenas por minha linha de pensamento, mas também por minha “raça”, acompa-

nhado por muitos de meus amigos abandonei a cidade que, desde minha primeira infância, fora meu lar durante setenta e oito anos. (FREUD, 1939, vol. XXIII, p: 71.)

Já estabelecido em Londres, Freud se refere à dupla perseguição de que fora vítima — à sua obra e à sua condição judaica —, e que lhe custou a perda do próprio lar. Tal perplexidade explica a decisão de Freud de publicar o Ensaio III.

O último parágrafo de *Moisés e o monoteísmo* pode ser interpretado como um ato falho cometido por Freud: se a sua intenção era complementar a teoria exposta vinte e cinco anos antes em *Totem e tabu*, por que concluiu o texto mencionando a questão judaica? Não era de se esperar que o concluísse com um comentário final à teoria que acabara de expor? Por que Freud teria fechado sua obra dessa forma se não houvesse, ao longo de todo o livro, um apelo judaico? Seria sua intenção, ainda que inconsciente, produzir um argumento contra o ódio aos judeus? Eis o parágrafo final:

Talvez nossa investigação tenha alcançado um pouco de luz sobre a questão de saber como o povo judeu adquiriu as características que o distinguem. Uma luz menor foi lançada sobre o problema de saber como foi que puderam reter sua individualidade até o dia de hoje. Mas respostas exaustivas para tais enigmas não podem, com justiça, ser pedidas ou esperadas. Uma contribuição, a ser julgada à vista das limitações que mencionei de início, é tudo o que posso oferecer. (*ibid.*, p: 150.)

Tendo em vista os comentários pessoais do autor nas Notas I e II no Ensaio III, é possível que *Moisés e o monoteísmo* seja o argumento de Freud contra o antissemitismo do seu tempo, e contra o ódio aos judeus ao longo da sua história. Fuks afirma, “Freud faz de *Moisés e o monoteísmo* uma tentativa de denunciar a estrutura religiosa do totalitarismo anti-semita que, sob o signo do ódio, fomentava uma cultura de hostilidade mortal ao outro”. (FUKS, 2000, p: 88.) Embora o texto possa provocar mal-entendidos com recortes descontextualizados, Freud afirma que o povo de Israel cunhou seu caráter a partir do carisma de seu líder, Moisés; para instituir a religião monoteísta de Aten — banida do Egito após a morte de Akhenaten — entre os hebreus, Moisés lhes garantiu que o deus os havia escolhido como povo. Ora, Freud comenta:

(...) enigmática é a noção de um deus que repentinamente “escolhe” um povo, que o declara como seu e a ele próprio como seu deus. Acredito que este é o único exemplo desse tipo na história das religiões humanas. Comumente, deus e povo estão indissolivelmente vinculados, são um só desde o próprio início das coisas. Sem dúvida, às vezes ouvimos falar de um povo que adquire um deus diferente, mas nunca de um deus que busca um povo diferente. Poderemos talvez entender esse acontecimento único se relembrarmos as relações existentes entre Moisés e o povo judeu. Moisés abaixara-se até os judeus, fizera-os o seu povo: eles eram o seu “povo escolhido”. (FREUD, 1939, vol. XXIII, p: 57.)

Em contrapartida, o povo judeu, que recebeu sobre si a missão de herdar e dar continuidade à religião egípcia de Aten sob a liderança do egípcio Moisés — que o “elegeu” para essa finalidade, uma vez que os egípcios haviam retomado a antiga religião politeísta de Amun —, jamais optou por essa “eleição”, senão esta lhe fora imposta pelo seu fundador. Além do que, a formulação de “povo eleito” lhe causou muito sofrimento, e ainda causa. Freud afirma: “Pode não ter sido fácil ao povo conciliar uma crença em ser preferido por seu deus onipotente com as tristes experiências de seu infeliz destino.” (*ibid.*, p: 77.) E tudo isso, por quê? Freud se refere às causas para o ódio aos judeus, as quais “operam desde o inconsciente dos povos” (*ibid.*, p: 105), citando como primeira causa “o ciúme para com o povo que se declarou o filho primogênito de Deus Pai”. (*loc. cit.*) Considerando as reflexões que Freud desenvolve sobre a questão da “eleição”, seu argumento propõe: se a “eleição” judaica, conforme mencionada no texto bíblico, não tem a conotação de favoritismo, não é uma criação do povo, mas uma imposição do líder Moisés, se não traz ao povo judeu qualquer benefício, mas sim, um destino de perseguições, intolerância e tentativas de extermínio, o ódio aos judeus pelo fato de se denominarem “povo eleito” não se justifica.

Tendo em vista as considerações sugeridas neste artigo, o último grande texto de Freud, *Moisés e o monoteísmo*, seria a proposta de uma teoria para o antissemitismo, não nos moldes políticos, históricos ou sociais, mas uma teoria à luz dos conceitos psicanalíticos. Agregam-se, ainda, além das noções de que Freud faz uso para embasar sua nova teoria, dois outros conceitos psicanalíticos que aqui se instituem definitivamente: verdade histórica e verdade material. Neste caso, o relato bíblico do personagem Moisés se apresenta como verdade

histórica, uma narrativa perpassada pela memória, pelo mito e pelo desejo coletivo do povo judeu. Sobre tal formato de verdade histórica, Freud constrói uma possibilidade de verdade material, em que o Moisés mítico se revela como herdeiro da extinta religião de Aten, instituindo-a entre os hebreus.

Referências

- BERNSTEIN, Richard J. *Freud e o legado de Moisés*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FREUD, Sigmund (1913). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).
- _____. (1939). *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (ESB, 23).
- FUKS, Betty B. *Freud e a judeidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- YERUSHALMI, Yosef Hayim. *O Moisés de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Tova Sender

e-mail: tovasender@gmail.com

Tramitação

Recebido em 17/05/2011

Aprovado em 01/08/2011